

## **MINERAÇÃO DE DADOS EM DEPOIMENTOS DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO CEARÁ**

Natália Bessa Almeida (Centro Universitário Estácio do Ceará)

Carolina Arrais Montenegro da Rocha (Centro Universitário Estácio do Ceará)

Prof. Dr. Wellington Sousa Aguiar (Centro Universitário Estácio do Ceará)

Profa. Ma. Christiane do Vale Leitão (OAB-CE)

Profa. Ma. Lorena Pereira da Ponte Pierre (Universidade Vale do Acaraú - UVA – Sobral-CE)

Prof. Msc. Cássio Pinheiro de Oliveira (Centro Universitário Estácio do Ceará)

Prof. Msc. Henrique Nogueira da Gama Mota (Centro Universitário Estácio do Ceará)

### **RESUMO EXPANDIDO**

Violência contra mulher é um assunto antigo, mas que nem sempre vem à tona como deveria. É uma endemia histórica pouco abordada em nossa formação humana e muito menos compreendida como causa e consequência dos determinantes sociais, permanecendo naturalizada em nossa sociedade. As heranças do Brasil colônia ainda hoje produzem ecos e refletem no lugar social e político destas mulheres, pois a história da miscigenação e das mulheres negras, que está nas bases da formação social brasileira é marcada por estupro e violência sexual (GONZALEZ, 2020).

A violência contra a mulher pode ser entendida como aquela que fere, ofende, subjuga, maltrata, humilha e viola os direitos das mulheres. Esta perpassa todas as camadas sociais, idades, etnias, religiões e nacionalidades. Estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher na Lei Maria da Penha: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial – Capítulo II, art. 7º, incisos I, II, III, IV e V (BRASIL, 2006).

No Brasil, os números de registros de crimes contra meninas e mulheres estão cada vez mais correntes nos últimos anos. Em 2021, ocorreram um total de 1.319 feminicídios no país, recuo de 2,4% no número de vítimas registradas em relação ao ano anterior. No total, foram 32 vítimas de feminicídio a menos do que em 2020, quando 1.351 mulheres foram mortas. Com essas informações, podemos ver que em 2021, em média, uma mulher foi vítima de feminicídio a cada 7 horas. A taxa de mortalidade por feminicídio foi de 1,22 mortes a cada 100 mil mulheres, recuo de 3% em relação ao ano anterior, quando a taxa ficou em 1,26 mortes por 100 mil habitantes do sexo feminino.

A Lei Maria da Penha, n. 11.340, sancionada em 7 de agosto de 2006, pelo Ex-Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva é uma das mais importantes conquistas para

a sociedade e para as mulheres brasileiras, tornando-se um direito das mulheres e dever do Estado. Esta lei cria e estabelece mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra as mulheres, uma das formas mais graves de violação de direitos humanos. Conforme a Constituição Federal, em seu artigo 226, parágrafo 8º, a Lei Maria da Penha entrou em vigor no dia 22 de setembro de 2006 e veio reafirmar o que as mulheres brasileiras têm alertado o Estado brasileiro e a sociedade sobre a importância das políticas públicas que ponha fim a este comportamento que tem levado milhares de mulheres a morte dentro do seu próprio lar.

O objetivo desta pesquisa foi utilizar técnicas de mineração de dados e estatística para conhecer, desvelar, entender e divulgar casos de violência contra mulher a partir dos depoimentos públicos de mulheres vítimas dessa violência.

Essa pesquisa usou a abordagem quantitativa, onde são utilizados dados estatísticos a partir dos depoimentos de mulheres que já foram vítimas de violência pelo canal público do Youtube: OQNND - O Que Não Nos Disseram, para explicar os fatos, gerando conhecimento sobre a causa e as consequências dos problemas no qual se está estudando.

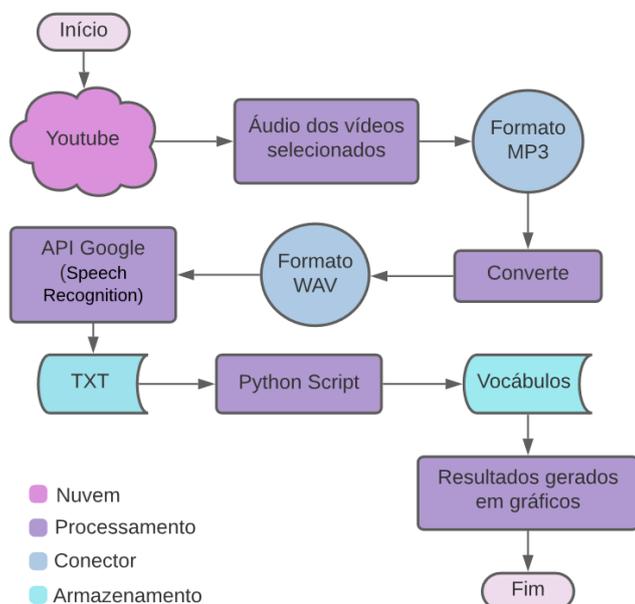
Foram coletados depoimentos de 15 mulheres cearenses que participaram de um projeto de divulgação de seus depoimentos através da ONG OQNND - O Que Não Nos Disseram, que divulgou no Youtube esses depoimentos coletados em 2022 e que promove exposições temporárias com fotos e áudios desses depoimentos em locais públicos, para que todos conheçam a dureza desses crimes.

Os depoimentos utilizados nessa pesquisa foram extraídos de fonte pública, não necessitando de autorização do CEP/CONEP, embora em nenhum momento as mulheres que relataram seus casos foram identificadas pelo nome ou qualquer outra forma, quando foi necessário identificar o depoimento, usamos nomes codificados, como: Namorada-1, Esposa-3, Filha-5, etc.

A Figura 1 abaixo, apresenta o fluxo que seguimos para obter as estatísticas dos depoimentos. No primeiro passo, foi realizado o download dos vídeos selecionados no Youtube. Em seguida a extração dos áudios dos vídeos e posteriormente, estes áudios foram convertidos para o formato MP3. Depois os áudios em MP3 foram convertidos para o formato WAV no qual foi necessário a utilização da biblioteca do Google Speech Recognition, onde armazenamos o áudio transcrito em um arquivo TXT. Logo após, foi utilizado um script Python

para extrair apenas as palavras que foram mais citadas nos depoimentos. Com isso, foram geradas as estatísticas que serão apresentadas em gráficos e tabelas neste estudo a seguir.

**Figura 1** – Ciclo dos dados.



Fonte: Elaborado pelo autor.

## ANÁLISE DOS DADOS

Seguem alguns depoimentos transcritos, extraídos dos vídeos:

TRECHOS DOS RELATOS
<b>VIOLÊNCIA FÍSICA</b>
"Eu tava na cama, ele me segurando na cama e me veio com a cabeçada, eu dei aquela leve desfalecida e já senti o sangue tomando conta do lençol... E eu consegui entrar no banheiro, e aí eu fiquei trancada no banheiro por um bom tempo, ele tentou abrir a porta, no chute e ficou buraco na porta, mas ele não atravessou, só quebrou a porta e também um murro em cima que comprometeu também a estrutura da porta... Aí ficou um silêncio muito grande e eu fui abrir a porta pra ver o que tava acontecendo e na hora que eu abri a porta ele chutou a porta e a porta voltou em mim e o sangue escorreu de novo... Foi nessa hora que eu pensei agora ele me mata."
<b>VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA</b>
"Ele chegou em casa bêbado... eu tava domindo no sofá de blusa e calcinha porque eu tava em casa e ele perguntou o que eu tava fazendo gritando e eu falei que tava dormindo, mas eu vou lá pro quarto que eu não vou ficar escutando esse teus gritos não e tu vai dormir aqui no sofá. Aí ele foi para o sofá e viu meu short que estava lá, entrou no quarto e começou a gritar como se estivesse dizendo que tinha alguém lá antes dele e que ele ia colocar uma câmera no apartamento e que não tem porque o meu short tá lá no sofá e ele queria uma explicação e eu falei isso não tem explicação eu estava na minha casa e eu gosto de dormir de blusa e calcinha e eu tirei o short e dormi... Eu não podia sair com minhas amigas porque ele achava ruim até o momento que eu não tava mais falando direito com meu pai e com a minha mãe eu não falava mais, porque ele não gostava da minha mãe... É uma prisão psicologica mesmo que a gente tá envolvida acaba acreditando em tudo que eles falam... Um dia que eu fui para casa da minha amiga de novo e aí ele ligava ligava ligava aí eu atendi... Perguntando que horas eu ia voltar para casa... Disse que eu ia ter que voltar para casa porque o padrasto dele tava batendo na mãe dele e depois falou que a mãe dele sofreu acidente de carro, depois falou que ele ia sofrer um acidente de carro, isso tudo para eu ir para casa para ele me ter naquela prisãozinha que ele sempre me botava."

#### VIOLÊNCIA MORAL

"Alguns comentários que ele fazia, ele sempre fazia alguns comentários maldosos comigo e eu não sei, levava na esportiva. Eu não entendia, eu vim entender bem depois que a gente terminou. Ele falava tipo, quando era pra eu sair no caso, quando saía com ele e eu tava com top muito nu, ele pedia pra colocar um casquinho, dizia que meu estilo era vulgar, e aí já chegou a falar também que era legal eu fazer uma academia, começar academia. E nessa época eu era bem de boa com meu corpo né, então tipo quando eu recebi esse comentário eu fiquei meio assim, fiquei insegura. Mas quando eu tava com ele mesmo assim, que a gente ia sair junto eu evitava de usar esse tipo de roupa ou então tipo, usar uma roupa muito mostrando o meu braço, porque era o que ele falava mais. Mas quando eu não tava com ele eu tipo tava mais na minha, ficava de boa, mas quando eu ia sair com ele eu evitava justamente por causa por causa dos comentário. Ele era bem manipulador, ele usava uma doença que até hoje não sei se ele tem mesmo essa doença como desculpa para tudo, se a gente brigasse ele falava que estava em crise e isso me deixava muito assim pisando em ovos.

A Figura 2 é uma nuvem de palavras, gerada utilizando a biblioteca WordCloud, executada em Python, usando como dados de entrada os dados coletados nos depoimentos. Ela apresenta palavras e sentimentos mais relatados pelas depoentes; o tamanho das palavras representa a frequência com que as palavras aparecem nos relatos.

**Figura 2** – Nuvem de palavras.



Fonte: Biblioteca WORLD CLOUD executado em Python.

Na nuvem de palavras é possível observar que algumas palavras se destacam em relação às outras. Como pode ser observado no Tabela 2, abaixo, temos as 15 (quinze) palavras mais faladas (citadas) e suas quantidades com base nos depoimentos.

## CONCLUSÕES

Como resultado do presente estudo, podemos concluir que todos os dados colhidos com base nos depoimentos, são de mulheres vítimas de um ou mais tipos de violência e que os principais motivos pelos quais elas suportaram por muito tempo este sofrimento, foram: medo

dos filhos cresceram sem a presença do pai, falta de recursos financeiros por serem proibidas de trabalhar, desconhecimento dos direitos à assistência judiciária e autoridade policial, desacreditar dos órgãos públicos e da lei, pois já passaram por negligência, relacionamentos prematuros onde as vítimas estavam em transição da infância para a adolescência, desconhecimento dos tipos de violência das atitudes errôneas e crimes do agressor, onde só apareceram muito tempo depois do começo do relacionamento com as vítimas.

Contudo, foi possível entender, por meio dos relatos, que o motivo de existirem tantos casos que ainda não são denunciados como deveriam, é que ainda há uma falta de informação sobre o assunto, fazendo com que muitas mulheres não compreendam a gravidade da situação a que foram submetidas.

Por fim, quando falamos sobre violência contra a mulher, sabemos que já tivemos diversas conquistas quando se trata deste assunto, temos uma lei que resguarda mulheres e dá a ela todo o auxílio necessário.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas Para as Mulheres. Instrumentos Internacionais de Direitos das Mulheres. Brasília: Secretaria Especial de Políticas Para as Mulheres, 2006.

BRASIL. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. <https://www.institutomariadapenha.org.br/assets/downloads/lei-11340-2006-lei-maria-da-penha.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2022.

ELMASRI, Ramez; NAVATHE, Shamkant B. Sistemas de banco de dados. 6.ed. São Paulo: Pearson, 2011. xviii, 788 p. ISBN 9788579360855.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2022.

GONZALEZ, L. (2020). Por um feminismo afro-latino-americano. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Instituto Maria da Penha, Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html> Acesso em: 12 mai. 2022.